

O Ano 2000 por Joseph Goebbels

Os três líderes de guerra inimigos, segundo fontes Americanas, concordaram na Conferência de Yalta, com a proposta de Roosevelt sobre um programa de ocupação que irá destruir e exterminar o povo Alemão até ao ano 2000. Há que reconhecer a natureza algo grandiosa da proposta. Faz lembrar um dos arranha-céus de Nova Iorque que sobem ao céu, e cujas histórias superiores balançam ao vento. Como será o mundo no ano 2000? Stalin, Churchill, e Roosevelt determinaram-no, pelo menos no que diz respeito ao povo Alemão. Pode-se, contudo, duvidar se eles e nós agiremos da forma prevista.

Ninguém pode prever o futuro distante, mas há alguns factos e possibilidades que são claros ao longo dos próximos cinquenta anos. Por exemplo, nenhum dos três governantes inimigos que desenvolveram este brilhante plano ainda estará vivo, a Inglaterra terá no máximo 20 milhões de habitantes, os filhos dos nossos filhos terão tido filhos, e os acontecimentos desta guerra terão afundado no mito. Pode-se também prever com um elevado grau de certeza que a Europa será um continente unido no ano 2000. Voaremos de Berlim para Paris para o pequeno-almoço dentro de quinze minutos, e as nossas armas mais modernas serão vistas como antiguidades, e muito mais. A Alemanha, no entanto, ainda estará sob ocupação militar de acordo com os planos da Conferência de Yalta, e os Ingleses e Americanos estarão a treinar o seu povo em democracia. Como devem estar vazios os cérebros destes três charlatões - pelo menos no caso de dois deles!

O terceiro, Stalin, segue objectivos muito mais abrangentes do que os seus dois camaradas. Ele certamente não tenciona anunciá-los publicamente, mas ele e os seus 200 milhões de escravos irão lutar amargamente e duramente por eles. Ele vê o mundo de forma diferente do que aqueles cérebros plutocráticos. Ele vê um futuro no qual o mundo inteiro está sujeito à ditadura de Moscovo International, o que significa o Kremlin. O seu sonho pode parecer fantástico e absurdo, mas se nós, Alemães, não o impedirmos, sem dúvida que se tornará realidade. Isso irá acontecer da seguinte forma: Se o povo Alemão entregasse as suas armas, os Soviéticos, segundo o acordo entre Roosevelt, Churchill, e Stalin, ocupariam toda a Europa Oriental e do Sudoeste juntamente com a maior parte do Reich. Uma cortina de ferro cairia sobre este enorme território controlado pela União Soviética, atrás da qual as nações seriam massacradas.

A imprensa Judaica em Londres e Nova Iorque ainda estaria provavelmente a aplaudir. Tudo o que restaria seria matéria-prima humana, uma massa estúpida e fermentada de milhões de animais de trabalho industrializados e desesperados que só saberiam o que o Kremlin queria que soubessem sobre o resto do mundo. Sem liderança, cairiam indefesos nas mãos da ditadura de sangue Soviética. O resto da Europa cairia numa caótica confusão política e social que prepararia o caminho para

a Bolchevização que se seguiria. A vida e a existência nestas nações tornar-se-iam um inferno, o que afinal era o objectivo do exercício.

Para além dos problemas domésticos de natureza económica, social e política, a Inglaterra sofreria uma população em declínio que a deixaria ainda menos capaz de defender os seus interesses na Europa e no resto do mundo do que é hoje. Em 1948, a campanha de Roosevelt para a reeleição fracassaria, tal como a de Wilson após a Primeira Guerra Mundial, e um isolacionista republicano tornar-se-ia presidente dos EUA. O seu primeiro acto oficial seria provavelmente a retirada das tropas americanas da chaleira das bruxas Europeias. Toda a população dos EUA aprovaria, sem dúvida. Como não haveria outra potência militar no continente, na melhor das hipóteses 60 divisões Britânicas enfrentariam 600 divisões Soviéticas. O Bolchevismo certamente não teria sido ocioso durante este período. Um governo trabalhista, talvez mesmo Bolchevista meio radical, estaria no poder em Inglaterra. Sob a pressão da opinião pública, chicoteada pela imprensa Judaica e por um povo cansado da guerra, em breve anunciaria a sua falta de interesse pela Europa. A rapidez com que tais coisas podem acontecer é evidente a partir do exemplo da Polónia de hoje.

A chamada Terceira Guerra Mundial seria provavelmente curta, e o nosso continente estaria aos pés dos robôs mecanizados das estepes. Essa seria uma situação infeliz para o Bolchevismo. Iria sem dúvida saltar para a Inglaterra e incendiar a terra da democracia clássica. A cortina de ferro cairia mais uma vez sobre esta vasta tragédia das nações. Durante os próximos cinco anos, centenas de milhões de escravos construiriam tanques, caças, e bombardeiros; depois começaria o assalto geral aos EUA. O Hemisfério Ocidental, que apesar das acusações mentirosas, nós nunca ameaçamos, estaria então no mais grave perigo. Um dia, os EUA amaldiçoarão o dia em que um presidente Americano há muito esquecido divulgou um comunicado numa conferência em Yalta, que há muito se terá afundado numa lenda.

As democracias não estão à altura de lidar com o sistema Bolchevista, uma vez que utilizam métodos totalmente diferentes. São tão indefesas contra ele como foram os partidos da burguesia na Alemanha contra os comunistas, antes de tomarmos o poder. Em contraste com os EUA, o sistema Soviético não precisa de ter em conta a opinião pública nem o nível de vida do seu povo. Por esse motivo, não tem necessidade de temer a concorrência económica Americana, para não falar das suas forças armadas. Mesmo que a guerra acabasse, como Roosevelt e Churchill imaginam, os países plutocráticos estariam indefesos perante a concorrência da União Soviética no mercado mundial, a menos que decidissem reduzir grandemente os salários e o nível de vida. Mas se o fizessem, não seriam capazes de resistir à agitação Bolchevique. Seja como for, Stalin seria sempre o vencedor e Roosevelt e Churchill os vencidos. A política de guerra Anglo-Americana chegou a um beco sem saída. Eles chamaram os espíritos, e já não se conseguem ver livres deles. As nossas previsões, a começar pela Polónia, começam a ser confirmadas por uma série notável de acontecimentos actuais. Só se pode sorrir quando os Ingleses e os Americanos forjam planos para o ano 2000. Eles ficarão felizes se sobreviverem até 1950.

Nenhum pensador Inglês falha em ver isto hoje. O primeiro-ministro Britânico vestiu um casaco de pele Russo na Conferência de Yalta. Isto suscitou comentários infelizes no público inglês. Quando as agências de notícias de Londres mais tarde noticiaram que se tratava de um casaco de pele Canadiano, ninguém acreditou neles. As pessoas viram no assunto um símbolo da subordinação da Inglaterra à vontade do Kremlin. O que aconteceu aos dias em que a Inglaterra tinha uma palavra importante, ou mesmo decisiva, a dizer nos assuntos mundiais? Um influente senador Americano comentou recentemente, "A Inglaterra é apenas um pequeno apêndice da Europa"! Os seus camaradas já a tratam dessa forma. Será que merecia melhor? Num momento dramático da história Europeia, declarou guerra contra o Reich, desencadeando uma conflagração mundial que não só ficou fora de controlo como também ameaçou deixar a própria Inglaterra em ruínas. Uma pequena extensão da Alemanha em territórios puramente Alemães a Leste era terreno suficiente para ver uma ameaça ao equilíbrio de poder Europeu. Na guerra resultante, a Inglaterra achou necessário deitar fora a sua política de 200 anos de equilíbrio de poder. Agora uma potência mundial entrou na Europa que começa a Leste em Vladivostok e não descansará no Ocidente até ter incorporado a própria Grã-Bretanha na sua ditadura.

É mais do que ingénuo para o primeiro-ministro Britânico planear o estatuto político e social do Reich no ano 2000. Nos próximos anos e décadas, a Inglaterra terá provavelmente outras preocupações. Terá de lutar desesperadamente para manter uma pequena parte do seu antigo poder no mundo. Recebeu os primeiros golpes na Primeira Guerra Mundial, e agora, durante a Segunda Guerra Mundial, enfrenta o golpe de misericórdia final.

Pode-se imaginar coisas a acontecerem de forma diferente, mas agora é demasiado tarde. O Führer fez numerosas propostas a Londres, a última vez quatro semanas antes do início da guerra. Propôs que a política externa Alemã e Britânica trabalhassem em conjunto, que o Reich respeitaria o poder marítimo da Inglaterra como a Inglaterra respeitaria o poder terrestre do Reich, e que a paridade existiria no ar.

Ambas as potências juntar-se-iam para garantir a paz mundial, e o Império Britânico seria uma componente crítica dessa paz. A Alemanha estaria mesmo pronta a defender esse império com meios militares, se necessário. Em tais condições, o Bolchevismo teria ficado confinado aos seus locais de reprodução originais. Teria sido isolado do resto do mundo. Agora o Bolchevismo está no rio Oder. Tudo depende da perseverança dos soldados Alemães. Será o Bolchevismo empurrado de volta para o Oriente, ou será que a sua fúria inundará a Europa Ocidental? Esta é a situação de guerra. O Comunicado de Yalta não altera em nada as coisas. As coisas dependem apenas desta crise da cultura humana. Será resolvida por nós, ou não será de todo resolvida. Estas são as alternativas.

Nós, Alemães, não somos os únicos a dizer isto. Qualquer pessoa que pensa sabe que hoje, como tantas vezes no passado, o povo Alemão tem uma missão Europeia. Podemos não perder a nossa coragem, embora a missão traga consigo uma enorme dor e sofrimento. Os tolos sabichões trouxeram o mundo mais do que uma vez à beira do abismo. No último momento, a visão da terrível miséria alarmou suficientemente a humanidade para que esta desse o passo decisivo para trás no momento crítico. Será esse o caso também desta vez. Perdemos muito nesta guerra. Quanto a tudo o que nos resta, são as nossas forças militares e os nossos ideais. Podemos não desistir deles. São o fundamento da nossa existência e do cumprimento das nossas obrigações históricas. É difícil e terrível, mas também honroso. Foi-nos dado o nosso dever porque só nós temos o carácter e a perseverança necessários. Qualquer outra pessoa teria sucumbido. Nós, no entanto, como a Atlas, carregamos o peso do mundo sobre os nossos ombros e não duvidamos.

A Alemanha não será ocupada pelos seus inimigos no ano 2000. A nação Alemã será o líder intelectual da humanidade civilizada. Estamos a ganhar esse direito nesta guerra. Esta luta mundial contra os nossos inimigos continuará a viver apenas como um pesadelo na memória das pessoas. Os nossos filhos e os seus filhos erguerão monumentos aos seus pais e mães pela dor que sofreram, pela firmeza estóica com que todos suportaram, pela bravura que demonstraram, pelo heroísmo com que lutaram, pela lealdade com que defenderam o seu Führer e os seus ideais em tempos difíceis. As nossas esperanças tornar-se-ão realidade no seu mundo e os nossos ideais serão realidade. Nunca nos devemos esquecer disso quando vemos as tempestades desta era selvagem reflectidas nos olhos dos nossos filhos. Actuemos de modo a ganhar as suas bênçãos eternas, não as suas maldições.